

# O ROMANÇO MOÇARÁBICO LUSITANO

R. F. Mansur Guérios

## SUMÁRIO

I — Os moçárabes e o elemento árabe. II — Fonética histórica árabe-portuguêsa. III — A aglutinação do artigo “al” — Formas ditológicas. IV — Vestígios da declinação arábica — Formas ditológicas. V — Vocábulos em -i, de origem adjetival. VI — Evolução fonética árabe-portuguêsa. VII — Vocábulos arabizados. VIII — Elementos latinos do romance moçarábico. IX — Influência dos falares meridionais sobre os setentrionais.

### I — OS MOÇARABES E O ELEMENTO ÁRABE.

O presente estudo, que não passa de um ensaio de sistematização, trata do romance moçarábico, isto é, do dialeto ou conjunto de dialetos de base latina, aumentada de elementos árabes, falado pelas comunidades cristãs durante a dominação muçulmânica na Península Ibérica.

Se bem que haja uma notável concordância entre o romance moçarábico de Portugal e o da Espanha, convém separá-los, por oferecer cada qual particularidades que obedecem às suas derivas. Assim é justificado o título — romance moçarábico lusitano — embora a base latina de Portugal seja exígua por falta de documentação, o quê, por outro lado, explica se tenha dado maior atenção ao elemento alienígena.

\* \* \*

Pelo domínio árabe na Península Ibérica, as populações godo-romanas, cristãs, que aí habitavam, foram obrigadas a conviver com os novos senhores — uma parte foi submetida pela força das armas, como as populações do Sul, em vista da resistência oposta, e outra, por meio de capitulações, como as do centro e norte da Península (1).

A conquista havia sido planejada não tanto por ambição de novas terras, senão precipuamente para difusão da nova religião — o islamismo. Todavia, a história desse domínio mostra-nos que os conquistadores muitas vezes se preocuparam mais com o assenhoreamento das terras que de implantar nelas a sua fé.

---

(1) Davi Lopes, *O Domínio Árabe* “in” “Hist. de Port.”, v. I, Barcelos, 1928, p. 423.

Se a cimitarra pôde tornar vitorioso o Alcorão, muitos cristãos, contudo, foram convertidos pelas promessas lascivas nêle contidas, pelo esplendor da sua civilização e mesmo pelo seu poderio militar.

Além disso, deve de ter sido o elemento feminino árabe um meio não desconsiderável, pelo qual se chegaram os neoconvertidos, e também graças aos casamentos mistos o maometismo contou com mais adeptos.

Por outro lado, inversamente, havia árabes que falavam românico e que se cristianizaram (*ladinos*), embora fôssem desprezados, renegados pelos patrícios, como aquêles pelos cristãos. Por tais muçulmanos, a civilização cristã exerceu efeito salutar sôbre os demais.

“As populações que se não islamizaram completamente, foram as que se conservaram fiéis à religião de seus pais, mas adotaram as formas de vida exterior dos árabes, pelo contacto secular com êles, pelas necessidades da sua vida quotidiana com os dominadores e ainda pela brilhante cultura. Foram êstes os moçárabes...” (2) — cristãos algaraviados ou arabizados. Mais duradoura e intensa foi a convivência dos moçárabes com os mouros no sul de Portugal do que alhures (3), por aí terem êstes dominado mais intensa e compactamente a região, favorecidos pela posição vizinha da África, a qual possibilitava as comunicações externas (populações civis, elemen-

(2) Idem, *ibidem*, p. 423. — **Mostárabes** ou **moçárabes**, diz Alexandreerculano, é o “nome que os sarracenos davam aos povos que, sem abandonarem a própria religião, recebiam o jugo dêles” (*História de Portugal*, 8.<sup>a</sup> ed., definitiva, Aillaud e Bertrand, Lisboa, t. I, introd., nota). O vocábulo quer dizer “arabizado” — **must’árabi** > **mostárabe** e daí **moçárabe** por intermédio da forma metatética \***motsárabe**. Esta designação foi dada primordialmente pelos conquistadores, e não pelos “cristãos livres a êsses seus irmãos condescendentes e submetidos ao domínio estranho”, no afirmar de Davi Lopes.

(3) “Relativamente à região ao norte do Douro, a sua ação decidida e eficaz [de Afonso I, das Astúrias] impediu a fixação dos muçulmanos, e, portanto, diminuiu consideravelmente a influência da civilização árabe na população que habitava essas regiões. Expedições muçulmanas, depois de Afonso I, ainda algumas vêzes se internaram pelo noroeste da Península; mas ocupação persistente, de molde a atuar no modo de ser e de viver dos povos que ali habitavam, nunca os muçulmanos vieram a conseguir realizá-la para o norte do Douro, graças ao esforço daquele grande chefe”. (Damião Peres, *A Reconquista Cristã* “in” “*Hist. de Port.*”, v. I, p. 439). — Que a língua dos invasores se arraigou mais profundo no Sul, é prova que, até hoje, se conservou, p. ex., “boa cópia do vocabulário agrícola de origem árabe: enquanto em Trás-os-Montes se diz *segada* e *decrua*, no Alentejo diz-se *ceifa* e *alqueire*; no norte chama-se *rasa*, *libra*, *cântaro*, ao que no sul se designa por *alqueire*, dois *arrátels*, meio *almude*; ali diz-se *cãeira*, *copos*, aqui *algeroz*, *alcatrus*” (Serafim da Silva Neto, *Hist. da L. Port.*, 8, p. 380).

tos militares, provisões, etc.); pela uniformidade relativa do solo que facilitava as comunicações internas; pelo clima suave, muito do gôsto dos invasores, vindos de regiões quentíssimas. E, por outro lado, durou mais aqui a dominação, pois a reconquista, proveniente do Norte, após muitos progressos e retrocessos, vingou no Sul só no século XIII ou, mais exatamente, com a subjugação do Algarve em 1250, por D. Afonso III.

\* \* \*

É sabido que a invasão muçulmânica não foi efetuada por um povo único: “O exército de Târik, diz A. Herculano, que no Guadalete acabou com o domínio dos godos, compunha-se na maioria de berberes, sendo o resto apenas um punhado de árabes, e as tropas muçulmanas que sucessivamente vieram chegando à Península e as colônias que as seguiam eram um misto confuso de homens incorporados durante o século VII na grande sociedade religiosa fundada por Mohammed. Aos árabes, pròpriamente ditos, do Yemen, achavam-se associados sírios, egípcios, persas, palestinos, indivíduos, enfim, das diversas regiões submetidas...” (4).

É claro que o árabe vulgar, oral, deveria ter sido a sua língua de comunicação, mas a freqüência de populações e contingentes militares que se deslocavam do Magrebe para a Península fêz predominar o seu dialeto. Este fato é reconhecido pelos arabistas, que o deduziram principalmente das formas ditológicas (p. ex., *almece*, *almice*, etc., “sôro de leite”, ao lado de *maçal*, idem): “Estas dobles, afirma M. L. Wagner, são uma confirmação da coexistência de duas correntes que se manifestaram na penetração do elemento árabe nos falares românicos; a primeira, muito mais forte, era a corrente vinda do Magrebe, onde se tinha formado um dialeto especial com as suas particularidades fonéticas e lexicais, que podemos estudar ainda nos dialetos atuais do noroeste de África e o qual é também a base do árabe falado na Península, como se vê em cada página do tratado de Pedro de Alcalá e do Vocabulário in Árábico; esta é a corrente mais popular. Ao lado desta subsiste, embora menos forte, outra corrente mais douta e devida não só a causas literárias, mas influenciada também pelos numerosos árabes provenientes de todos os países onde se falava árabe, e mais tarde vindos também das regiões orientais” (5).

\* \* \*

Que o domínio árabe foi enorme, bastem as provas lingüísticas. Pode-se dividir o vocabulário arábico-lusitânico em duas classes (6) — a denun-

---

(4) *História de Portugal*, t. VI, livro VII.

(5) *Sobre Alguns Arabismos do Português*, sep. de “Biblos”, v. X, Coimbra, 1934, p. 8-9.

(6) “Certo é que na Península tão pouco faltam arabismos eruditos, de emprêgo meramente histórico, relativos quer a instituições militares e administrativas, quer ao sistema de contribuição e cobranças dos muçulmanos. E há termos outrora do falar comum...” (Carolina M. de Vasconcelos, *Lições de Filologia Portuguesa*, Lisboa, p. 296).

ciadora da autoridade, senhorial, que impunha leis civis, militares, religiosas, e a classe denunciada não só da sujeição a elas, senão também da sujeição à vida comum dos conquistadores que se iam aclimatando no belo solo europeu — vocábulos que denunciavam usos e costumes de uma sociedade estável, como é possível entre invasores de terra alheia.

Térmos políticos, religiosos ou referentes à administração e à vida militar: **almocadêm, alfaqui, cadi, anadel, alferes, aduana, alfândega, alvará, atalaia, algara, etc.**

Nomes de impostos: **alcavala, alfitra, garrama, etc.**

Armas: **adarga, alfanje, azagaia, almafne, etc.**

Lugares de coletividades: **almofala, almocábar, azemel, açougue, aduar, aldeia, aljama, arrabalde, almedina, etc.**

Medidas e moedas: **alqueire, arrôba, arrátel, almude, maquia, quintal, etc.**

Nomes de plantas, frutos e comidas: **açafrão, alcachofra, alface, alféola, regueifa, azeitona, botefa, etc.**

Instrumentos de música: **arrábil, anafil, alaúde, atabal, adufe, etc.**

Embarcações: **albetoga, falua, taforía, xaveco, etc.**

Coisas de indústrias: **açafate, albarda, alfombra, almofariz, alicate, etc.**

Ofícios: **adelo, alfajeme, alfaiate, aljibebe, alvanel, alveitar, rabadão, etc.**

Vestuário: **albornoz, aljarabia, aljuba, almeria, bedém, ceroula, marlota, etc.**

Coisas da casa: **alcova, aldraba, aljeroz, alicerce, alizar, argola, ta-bique, etc.**

Vida agrícola: **açacal, acéquia, açude, alcaíruz, acenha, nôra, adil, etc.**

Vida pastoril: **adua, alfeire, almece, farroupo, bácoro, etc.**

\* \* \*

## II — FONÉTICA HISTÓRICA ÁRABE-PORTUGUÊSA

O alfabeto do árabe clássico ou literário é constituído dos seguintes fonemas (7), infelizmente aqui sob transcrição deficiente, por falta tipográfica:

1) a (alif); 2) b (ba); 3) t (ta); 4) th (tha); 5) j (jím); 6) <sup>o</sup>h (ha); 7) 7h (hha); 8) d (dal); 9) (dhal); 10) r (ra); 11) z (za ou zain); 12) s (sin); 13) x (xin); 14) ss (ssad); 15) dd (ddad); 16) tt (tta); 17) zz (zza); 18) ' (ain); 19) gh (ghain); 20) f (fa); 21) q (qaf); 22) k (kaf); 23) l (lam); 24) m (mim); 25) n (nun); 26) <sup>2o</sup>h (ha); 27) w ou u (uau); 28) y ou i (yá).

Os vários hh são numerados, segundo a ordem que ocupam no al-

---

(7) É tradicional a ordem desses fonemas, contudo os árabes da África setentrional não a seguem integralmente (L. Vaglieri, *Gramm. della Lingua Araba*, I, Roma, 1938, p. 33).

fabeto. As consoantes 14.<sup>a</sup>, 15.<sup>a</sup>, 16.<sup>a</sup> e 17.<sup>a</sup> são enfáticas; foram representadas em geminação.

O **th** é uma interdental; equivale ao **th** inglês de **thin**; **j** é o mesmo **j** português ou **g + e, i**; **ʰh** é uma laringal ou **h** pronunciado com forte constrictão da faringe; **ʷh** é uma velar; corresponde ao **ch** alemão ou ao **j** espanhol; **dh** é uma fricativa línguo-alveolar, equivalente ao **th** inglês de **they**; 13) **x** é o mesmo **ch** port. ou **sh** inglês; ' é uma laringal sonora; corresponde mais ou menos ao espírito áspero grego; **gh** é velar, e aproxima-se do **r** uvular francês; **q** é uma uvular; equivale a **k** tendendo ao desaparecimento; 2<sup>o</sup>**h** é uma laringal, semelhante ao **h** alemão ou inglês; **w** é equivalente à semiconsoante **w** inglesa (= **u**); **y** equivale à semiconsoante **y** do inglês (= **i**). No árabe falado existem as vogais **a, e, i, o, u**. Aqui não distinguimos as breves das longas.

Quanto à representação da tonicidade, adotamos quase a mesma do português: oxítonas — **jabali, badán-, annafil-, alwazir-**; paroxítonas — **adarbi, almuadhin-, názzir-**; proparoxítonas como **\*albixara**; etc.

Língua singular o árabe, é claro que, na boca de aloglotas, deveriam sofrer adaptação principalmente os fonemas estranhos ao latim.

Vejam, pois, em breve conspecto, como os fonemas arábicos foram representados em romance do sul de Portugal, i. é, no moçárabe:

1. **a > a, e** **jabali** > javali; **badán-** > bedém; **adarbi** > adarve, “muro de fortaleza”; **darbi** > Derbe, topôn. (J. de Sousa); etc.
2. **b > b** **badui** > bedui; etc. Como intervocálico, v. pág. 137.
3. **t > t** **ʿarifa** > tarifa; etc. Como interv., v. pág. 136.
4. **th > ç, t** **aththurda** > açorda, “sopa de pão, etc.”; **themni** > celemim, “uma medida”; **thamin-** ou **thumín-** > tomim, “a 8.<sup>a</sup> parte” (J. Ribeiro, M. Nimer); **aththafar-** > atafal, “retranca da cavalgada”; etc.
5. **j > j** **jabali** > javali; **\*aljibi** ou **\*aljibbi** > aljibe, “cisterna”; **aljabba-** > aljabebe, “roupeiro”; etc.
6. **ʰh > f, c (velar)** **ʰhurru** ou **ʰhorru** > fôrro, “liberto”; **alʰhairi** > alfeire, “gado; curral”; **attaʰhona** > atafona, “moinho”; **ʰhaxafu** > cachopo, “rochedo à flor d’água” (Wagner); **alʰharata** > alcarrada, “movimento da ave de rapina”; etc. Contudo: **Ras al ʰhaddi** > Roçalgate, topôn. (J. J. Nunes); **ʰhakimi** > aqueme, “chefe” (8). Este deve ser recente.

(8) Corominas (Dicc. Crit. Etm. de la L. Cast., 1954) apresenta um hipotético **\*mattraʰh** como origem do esp. **almadraque**, quando na mesma obra, contestando a Steiger (Contr. a la Fon. del Hispanoár., p. 228), não admite velar proveniente de expirada, a não ser em **alcachofa**. O catalão ant. **matalaf**, sim, proviria daquela base.

7. **ʔh > f, e (velar)** ʔharruba > farroba, “um fruto”; alʔhailatti > alfaiate; alʔhassi > alface; azzarniʔhi > azarnefe, “sulfureto”; alʔhorxofa > alcachofra; almanaʔhi > almanaque; etc. Contudo: almaʔhzán- ou almaʔzén- > almazém, armazen.

8. **d > ḍ** dafina > dafina, “sarrabulho”; al’údi > alaúde; etc.

9. **dh > d, -z** dhora > dora, “milho”; adhdhibi > adibe, “chacal”, “lôbo”; almuadhin- > almuadem, “conclamador para oração”; etc. Como final: marfudh- < marfuz, “renegado”, “perverso”; \*alferidh- > \*alefridh- > alefriz, “encaixe na quilha de navio”.

10. **r > ṛ** raʔhissi > refece, “barato; ordinário”; assitara > acitara, “manto; tapete”; etc.

11. **z > ẓ** zarura > zarola, “um fruto”; azzarbi > azerbe, “sebe”; zamra > zambra, “música, etc.”; etc.

12. **s > ç** sanifa > çanefa; alfa’si > alfece, “uma ferramenta”; etc. Como intervocálico e como final, -z, -s, ver pág. 139.

13. **x > x, ç** xaruqu > xaroco, “vento”; \*albixara ou albixra > alviçara, melhor que alvissara; alfarxi > alfrece, melhor que alfrese, “mobília; pano; etc.” (9).

14. **ss > ç** ssuffá > sofá; alqaussi > alcouce; etc. Como intervocálico, v. também pág. 139. Como final -z, -s, ver pág. 139.

15. **dd > d** ddiafa > diafa, “gorjeta”; qaddi > cadí; etc.

16. **tt > ṭ** ttarima > tarima, tarimba; assafatti > açafate, “cesto”; matmura ou mattmora > matamorra (A forma masmorra é de origem esp.). Como intervocálico, v. ainda pág. 136.

17. **zz > z, d** Ocorre muito raro: nazzir- > názir, “inspetor das mesquitas”; ramazzanu > ramadão, “mês do jejum islâmico”; annazzar- > anadar, ana-ðel, “chefe militar”. Ao lado de cadimo existiu cazimo (J. de Sousa)? Isto parece postular uma pronúncia peculiar de qadimu, isto é, \*qazzimu.

18. **' > “zero”, a, g (velar)** ’álimi > álime, “teólogo maometano”; al’ára-bi > alárabe; \*fati’ > fatia; al’úd > alaúde; salam ’lib > çalamaleque;

(9) O x, em contacto com uma consoante não palatal, dá ç (Corominas). Logo, alfarxi só chegaria a alfrece mediante estas formas intermediárias \*alfexre > \*alfexre > alfrece.

al 'arabia > algarabia; al'arrada > algarrada. (J. P. Machado), "máquina de guerra"; \*al 'ariddu > alarido (J. P. Machado) e algarido (10); etc.

19. **gh > g (velar)** ghazu<sup>26h</sup> > gazua; almaghri > almagre, "terra avermelhada"; etc.

20. **f > f, p** faqi > faqui, "jurisconsulto"; alfitna > alfétena, "hostilidade"; addufi ou adduffi > adufe, "pandeiro"; Tharufu > farroupo, "carneiro; porco" (Wagner); 6haxafu > cachopo, "rochedo" (Wagner); etc.

21. **q > c, g (velares)** qadimu > cadimo; alfústaqu ou \*alfústequ > alfóstico, alfóstigo, "uma árvore"; etc. V. também pág. 137.

22. **k > c (velar)** káfir- > cafre, etc. Como intervocálico, v. pág. 137.

23. **l > l** lima > lima, "fruta", etc. Como intervocálico, v. pág. 136.

24. **m > m** mattraqa > matraca; almu<sup>6</sup>halla > almofala, "campo; arraial"; etc.

25. **n > n** \*naor- > \*noora > nôra (Corominas); annafil- > anafil, "trombeta"; etc. Como intervocálico, v. p. 138. Como final, é representado por -m: badân- > bedém; etc.

26. **26h > f, -a** 26habra > febra; alqassb<sup>26f</sup>- > alcáçova; al<sup>6</sup>halu<sup>26h</sup>- > alféloa; etc.

27. **u ou w > u, v, o** aluazir- > alvazir, alvazil; almugháwar- > almogávar; baduí > beduí; etc. As formas alguazil e guazil são baseadas no esp. alguacil. Como inicial: Uadi- > Oadi- > Oodi- > Odi- em Odiana. Como final, breve e átono, passa a -o: al 'arddu > alarde; etc.

28. **i ou y > i, e, j** imamu > imamo, emamo, "sacerdote muçulmano"; baduí > beduí; yasmin- > jasmim; Qaria > Caria, topôn.; al<sup>6</sup>hinna > alfena, "planta"; etc. Como final, breve e átono, passa a -e: al 'arddi > alarde; etc. A respeito do -i, final, longo e tônico, v. § V (pág. 134).

**Ditongo au > ou, o** assauqi > açougue; assauti > açoute; etc. Deve-se admitir, parece, um intermediário, com deslocação da tónica, para justificar o monotongo: sauqui > \*saóqo > \*sooqo > çoco (= açougue); al<sup>6</sup>hauz- > al<sup>6</sup>haóz . \*al<sup>6</sup>hooz > alfoz, "arrabalde" (11); aljáuhar- > aljófra; etc.

(10) Com respeito a algarabia, diz Corominas que talvez houvesse influência do ár. gharbí, "ocidental", e acerca do port. algarido acha que é cruzamento de alarido com algarada.

(11) Corominas (Dicc.) reconhece no port. alfoz um leonismo: "Trata-se de um termo administrativo, e Portugal, então, era uma província do reino de Leão". — A forma port. deveria ser \*alfouz.

Ditongo ai > ei, e **almajsi** > **almeice**, **almece**, “sôro de queijo”; **almajis** > **almez**, “uma planta” (em vez de \***almeice**; em galego arc. **almaizo**).

Parece que não é muito claro: **alfaiizar**, “encaixe” = **alfeizar**; **Ataija**, topôn. (J. de Sousa) deve provir de **Attaiija**.

\* \* \*

### III — A AGLUTINAÇÃO DO ARTIGO “AL”. — FORMAS DITOLÓGICAS.

São numerosas as palavras iniciadas por a- e al-, que se explicam pela aglutinação do artigo definido al (para todos os gêneros e números). O l do artigo assimila-se ao fonema inicial da palavra seguinte, quando êsse fonema é uma consoante solar, resultando a-.

São 14 os fonemas solares: t, th, d, dh, r, z, s, x, ss, dd, tt, zz, l, n (12).

Os fonemas iniciais que não assimilam o l do artigo são denominados lunares, e êles também em número de 14: a, b, j, ʕh, 7h, ʔ, gh, f, q, k, m, 2ʕh, w, y.

Muitas vezes a mesma palavra se apresenta com e sem o artigo: **atambor—tambor**; **alardo—lardo**; **axaqueca—xaqueca**; **axadrez—xadrez**; **arrefém—refém**; **acicate—cicate**; **aletria—letria**; **atabaque—tabaque**; **arrabil—rabil**, “instrumento musical”; **axorca—xorca**, “argola, pulseira”; **algarriafa—garrafa**; **açafra—çafra**; **acelga—celga**; **alacral—lacrau**, “escorpião”; **adora—dora**, “espécie de sorgo ou de milho”; **alfarroba—farroba**, “um fruto”; **aceifa—ceifa**; **azagaia—zagaia**, “lança curta”; **alicate—licate**, **azagal—zagal**, “moço vigoroso; pastor”; **aleilão—leilão**; **alfóstico—fóstico**, “uma árvore”; **adua—dua**, “terreno baldio”; **alfavaca**, “uma planta” — **favaca** (G. Viana); **almuadem—muadem**, “convocador para orações”; **axarope—xarope**; **adiafa—diafa**, “gratificação”; **adarga—darga**; **almedina**, “a parte mais antiga duma cidade, etc.” (Figueiredo) — **medina**; **algazela—gazela**; **arrabalde—rabalde**; **atabefe—tabefe**, “iguaria; bofetada”; **açotéia—çotéia**, “mirante”; **alfarda—farda**; **aljuba**, “veste” — \***juba** (cf. **jubão** e esp. **juba** e **aljuba**); **azarola—zarola**, “um fruto”; **azinhavre** ou **azinha-bre—zeniar** (13), etc.

Semânticamente, no português, quase sempre essas formas, com o artigo ou sem êle, têm o mesmo significado. Seja **alfarda—farda** exemplar de

(12) “Sol” em árabe é **xams** e “lua” **qâmar**. Visto que aquela é iniciada por fonema assimilante (**al xams** > **ax xams**), e esta por fonema inassimilante (**al qâmar**), convencionou-se dar às consoantes assimiladoras o nome de fonemas solares e às não-assimiladoras a denominação de fonemas lunares. A assimilação realizou-se dentro do âmbito arábico.

(13) A terminação **-vre** ou **-bre** deve-se a **azevre**, **azebre**.

variação. O primeiro quer dizer “espécie de vestuário feminino, ...” (Figueiredo) e o segundo significa “traje uniforme para uma categoria de indivíduos; uniforme; fardamento; libré” (Figueiredo). Não se postergam as formas arcaicas.

Esse fenômeno da aglutinação articular Eva Seifert (14) explica-o naqueles casos nos quais se trata de nomes de pessoas que desempenham uma profissão, como **alcaide**, **almuadem**, etc.: “O emprêgo do artigo, diz ela, não é estranho, tratando-se na maioria dos casos duma pessoa determinada, muitas vêzes única dum lugar ou duma comunidade”. Mas é estranho, continua a autora, que nomes de medidas, como **arrâtel**, **almude**, **arroba**, **alqueire**, etc., precisem do artigo “para completar a sua individualidade lingüística”, uma vez que a medida como tal é determinada pelo número antecedente. Nada obstante, o fato é que, em árabe, o artigo está presente aí, embora haja anterior determinação numérica, como neste exemplo marroquino: **Xrita b wâhed er riyal** — literalmente: **comprei por um o real** (15). Ademais, a aglutinação articular pode muito bem ser explicada como na sintaxe vernácula: **Custa seis cruzeiros o metro; vende-se a 20 cruzeiros a quarta; etc.** E deixo outras circunstâncias que justificam muito bem o artigo anteposto a nomes de medidas.

Há alguns vocábulos iniciados pelos fonemas lunares **ð-**, **t-**, e o artigo aglutinado não deveria ter o **l**, senão assimilado: **aldeia** (em vez de **adeia**), **aldora** (ao lado de **adora**), **aldraba** (em vez de **adraba**), **Alderete**, topôn. (em vez de **Aderete**), **aldebará** (em vez de **adebará**), **altamia**, “tigela” (em vez de **atamia**), **altâncara**, “pandeiro” (em vez de **atâncara**), **altair** (em vez de **atair**), e talvez outros mais.

O fenômeno se verifica também no espanhol, e é curioso pelas coincidências — **aldea**, **aldebarán**, **altair**. No catalão **alxubar**= port. **enxoval**. Inversamente, e não menos estranho, é o **l** assimilado a **b**, fonema lunar, p. ex., no aragonês **abarán** (ao lado de **albarán**= port. **alvará**), no port. **abelota** (= **belota**) que parece mais aglutinação do artigo port. **a**, na opinião de Miguel Nímer. Todavia, pode-se explicar por dissimilação de **l-l**: \***albelota**.

Com referência a **aldebará**, **altair**, explica-o Miguel Nímer (16) como “empréstimo visual ou gráfico”, o que parece dever interpretar-se a não assimilação do **l** por influxo erudito. Como em árabe se escreve o **l** do artigo não só com os fonemas lunares, senão também com os solares, mas a assimilação é feita na pronúncia, a permanência do **l** deve-se à vista, à grafia ou, melhor, à leitura errada. Mas, todos êsses exemplares são de cunho erudito, isto é, devidos à **visão** ou **grafia**?

Antenor Nascentes, com respeito a **aldeia**, explica a epêntese do **l**

(14) **Uma Volta pelos Arabismos da Terra Ibero-românica**, Coimbra, 1935.

(15) H. Seidel, **Marokkanische Sprachlehre**, 1907, p. 120.

(16) **Influências Orientais na Língua Portuguesa**, I, São Paulo, 1943, p. 197, n.º 313.

“por analogia com a forma intacta do artigo”, isto é, em outras palavras, por analogia com *alfaiate*, *alcatre*, etc. (17).

Do ár. *afiún-* teve-se \**afiún-* e daí *afiam*, arc. “ópio”. A forma *anfião* pode-se explicar por assimilação regressiva de um hipotético \**alfião* (com o artigo, em vez de \**alafião*), isto é, de *-l/-ão > -n/-ão*.

Parece que todos esses exemplos são do tempo da Conquista, introduzidos oralmente, e a sua anomalia talvez se deva à linguagem imperfeita de moçárabes, mas influenciada pelos numerosos nomes em *-al*.

Além do mais, tenha-se em vista, p. ex., no árabe atual de Marrocos, a frequência do artigo *el* em casos como — *had el kelb*, literalmente “êste o cão”; *bab el mdina*, lit. “porta a cidade”; *el 'aud el kbir*, lit. “o cavalo o grande”; etc.; que se traduzem respectivamente — “êste cão”, “porta da cidade”; “o cavalo grande”.

\* \* \*

#### IV — VESTÍGIOS DA DECLINAÇÃO ARÁBICA. — FORMAS DITOLÓGICAS.

A existência de formas ditológicas com terminações vocálicas diferentes, em *-o*, *-e*, *-a*, deu-nos a firme convicção de que os nomes arábicos entrados na Península Ibérica, fizeram-no através das desinências casuais da declinação arábica — nominativo em *-u*, breve; genitivo em *-i*, breve; acusativo em *-a*, breve (18).

Veio corroborá-la a afirmação do arabista J. Fück (19), de que o desaparecimento da flexão casual data do começo do período abássida, cuja dinastia foi fundada em 750.

Tal queda, é óbvio, não se manifestou de modo repentino, mas paulatinamente, e não o foi, simultaneamente, em tôdas as palavras. Fenômeno simile se tem verificado em numerosas línguas.

Hoje, a manutenção das desinências casuais só se observa no árabe literário ou clássico, e, conforme Chaim Rabin, elas persistem ainda, vivas, no dialeto hijazino (do Hijaz ou Hedjaz, Arábia Saudita) (20).

Os vocábulos do acusativo passaram com a desinência inalterada (*-a*), ao passo que os do nominativo transformaram o *-u* em *-o*, e os do genitivo o *-i* em *-e*.

(17) *Dic. Etim. da L. Port.*, I, Rio, 1932.

(18) R. F. Mansur Guérios, *O Romance Moçarábico — Vestígios do Latim Meridional* “in” “Língua e Linguagem”, I, Rio, 1947.

(19) 'Arabiya — *Untersuchungen zur arabischen Sprach- und Stilgeschichte* “in” “Abhandlungen der sächsischen Akademie der Wissenschaften zu Leipzig”, vol. 45, cad. 1, Berlin, 1950. Demais, v. C. Brockelmann, *Semitische Sprachwissenschaft*, Berlin e Lipsia, 2.<sup>a</sup> ed., 1916, § 171.

(20) *Ancient West-Arabian*, Londres, 1951, cap. 12.

Dado que não houvesse as desinências, explicar-se-ia o fonema vocálico final segundo o fonema consonântico anterior. Assim, se êste é, p. ex., -t, -f, a terminação seria -e, como vogal de apoio (al 'arif > alarife; al'ḥaiiat > alfaiate; etc.), mas como se explicariam albergata, alcatifa, etc.?

Há nomes que entraram pelo nominativo, como fulano, cicrano (21), alfóstico, çáfaro, etc.; outros pelo genitivo, como açoute, adarve, alarve, etc.; e, por fim, outros entraram através do acusativo, como alcçova, récova, ceifa, etc.

Mas o que vem comprovar os vestígios da flexão casual é, acima de tudo, a existência de nomes com dualidade de desinências (formas diptotas), ora nominativo e genitivo, ora nominativo e acusativo, ora genitivo e acusativo, e até, embora raro, a existência de nomes triptotas, dos três casos.

Vejam os exemplos do nominativo e genitivo: adufo—adufe, “pandei-ro”; alardo—alarde; julepo—julepe; etc.

Exemplos do nominativo e acusativo: adufo—adufa, “grade”; alarido—alarida; alcunho—alcunha; zambujo—azambuja, “oliveira brava”; cofo—alcofa, “cêsto”; taleigo (= teigo) — taliga, taleiga (= teiga), “medida”; jarro—jarra; etc.

Exemplos do genitivo e acusativo: alfece—alfeça, “uma ferramenta”; alfurje—alfurja, “saguão; monturo”; albergate ou alpercate—albergata ou alpergate—alpargata; alberje ou alperche—albrecha, “damasco”; alcatre—alcatra; açude—açuda; alforje—alforja, “saco”; almice ou almece—almiça, “sôro de queijo”; alfarje—alfarja, “moinho”; almoface—almofaça, “escô-va”; alface—alfaça; alfareme—alfarema, “touca, véu”; jâmi (em vez de jame) — aljama, “confraria, sinagoga”; alcorce—alcorça, “massa de açu-car”; alcachofre—alcachofra; etc.

Exemplos do nominativo, genitivo e acusativo: adôbo—adôbe—adôba (22) “tijolo”; almagro—almagre—almagra, “terra avermelhada”; adibo—adibe ou adive—adiba, “lôbo”; adubo—adube ou adôbe, “preparo, etc.” — aduba (?) — gír. “cozido” — (Magne); etc.

A vogal desinencial pode desaparecer, principalmente se lhe anteceder -l, -r. Assim, pode-se ter indeterminação casual ao lado do genitivo: alcácer—alcácere; almogávar—almogavre, “guerreiro”; arrabal—arrabal.le; aljófár—aljófere; atabal—atabale, “tambor”; alfajém—alfajeme; acéter—acétere ou acetre, “púcaro”; aljarás—aljorce; etc.

Indeterminação casual e acusativo: algazel—algazela, “gazela”; algar—

(21) Vemos no ár. sakranu ou sikranu, “ébrio”, a origem do port. sicra-no, que, então, se deve escrever com c-. Parece que lhe não causa empecilho o aspecto semântico: “ébrio” > “sujeito ordinário” > “pessoa qualquer”.

(22) Corominas anota o esp. adoba como individual (Dicc. Crit. Etim.).

**algara**, “atoleiro”, “cova”; **açôfar**—**açofra**, “um metal”; **albacar**—**albacara**, “porta de fortaleza mourisca”; **alfamar** ou **alfâmbar**, “cobertor” — galego arc. **alfamara**, idem; etc.

Comparando-se a forma **cafiz**, “uma medida”, com **cacifo**, idem, esta, hipertética (ár. **qafizu**), só se explicaria mediante uma forma hipotética — \***cafizo**. Donde, **cafiz** é um exemplar comprobante de vocábulo cuja desinência desapareceu. Quanto à fonética, -c > -z-, v. pág.

Mais tarde, o predomínio ou a preferência de uma dessas formas ditológicas veio desfazer colisão homofônica: **aljuba**, “veste” e **aljube**, “cárcere”; **algar**, “gruta” e **algara**, “expedição militar”; **arrôba**, “medida” e **arrôbe**, “xarope”.

Esse fato de a mesma palavra provir de mais de um caso, verifica-se também no espanhol e em dialetos hispânicos:

Exemplos do nominativo e genitivo: **zoco**—**azogue**, “mercado”; **acetro** (antiquado) — **acetre**, “caldeira”; **alhorro** (alavense), “um falcão” — **alhorre** (esp.), idem; etc.

Exemplos do nominativo e acusativo: **alcuño**—**alcuña**; **fundago** (esp. arc.), “armazém” — **alhóndiga**, idem; **fardo**, “trouxa” — **farda**, idem; **talego**, “saco, bolsa” — **talega**, idem; **jarro**—**jarra**; **alarido**—**alarida**, etc.

Exemplos do genitivo e acusativo: **açanafe** (ant.) — **cenefa**, “sanefa”; **azafate**, “cesta” — **zafate** (andaluz), idem — **asafata**, **safata** (catalão), idem; **zaque**—**zaca**, “odre”; **almagre**—**almagra**, “terra avermelhada”; **adive**—**adiva**, “lôbo”; **adobe**—**adoba**, “ladrilho”; **alberque**—**alberca**, “poça”; **aljarfe**—**aljarfa**, “rede”; **alfalfe**—**alfalfa**, “alfafa”; **alifafe** (esp.) — **alifafa** (catalão), “um tumor”; **azud** (primitivamente com -e) — **azuda**, **zuda**, “açude”; etc.

Exemplos de indeterminação e determinação casual: **arrabal**—**rabalde**, **arrabalde** (esp. arc.); **cétel** (arc.), “jarro” — **acetre**—**acetro** (arc.); **azófar**, “latão” — **azofre** (asturiano), idem; **almófar** (arc.), “coifa de malha” — **almofre** (arc.), idem; **almez**—**almezo**, “uma árvore”; **añacal**—**anacalo**, “portador”; port. **atafal** — esp. **ataharre** — catalão **tafarra**; etc.

Há, no seguinte exemplo, indeterminação casual e genitivo e acusativo: port. **açúcar**, esp. **azúcar** — aragonês **zucré**, asturiano **azucre** e **azruque** — santanderino **azúcar**.

Quase todos os vocábulos em -ão, de origem arábica, são do nominativo, de -anu: **alabão**, “rebanho”; **fulão** e **fuão**, “fulano”; **lellão**; **alcatrão**; **rabadão**, “pastor; chefe”; **alcaravão**, “ave”; **fustão**; etc.

Se procedéssemos à estatística dos elementos arábicos no português, ou, melhor, na Península, verificaríamos que a maioria termina em -a,

claro sinal de que teve preponderância o caso acusativo sobre os demais (23).

Mas nem todos os vocábulos em -a devem ser explicados pelo acusativo. O -a é ainda índice do individual, isto é, uma unidade do coletivo ou do geral, como em *azeitona*, *albacora*, “figo lampo”, *alfavaca*, “manjerição”, etc.

Por último, o -a pode ser também a desinência do género feminino (p. ex., *alaroça*, “noiva”), correspondente à desinência clássica -at. Fr. João de Sousa cita um topónimo feminino — *Afifa* — “casta”, como freguesia, serra e ribeira de Entre-Douro-e-Minho (24).

Apresentam *alfaiata* como calcado sobre o masculino, mas há no arábico o feminino *alḥaiata* de que aquêle poderia provir e certamente proveio.

É criação vernácula *açafata*, isto é, “moça da rainha que cuida do açafate”.

\* \* \*

## V — VOCÁBULOS EM -i, DE ORIGEM ADJETIVAL.

Um contingente de nomes conserva, no português, o -i arábico, longo e tónico, de origem adjetival:

*baduí* ou *beduí*, *alfaqú*, *maravidí* ou *maravedi*, *javali*, *marroquí*, *algarvi*, *abaxi* ou *abexi*, \**carmesi*, *alfonsi* ou *afonsi* (vocábulo arabizado), *ceiti* (idem), etc.

Alguns exemplares desse contingente acima apresentam as singulares terminações -m, -l, -o: *baduim* ou *beduim*, *alfaqim*, *benjoim*, *maravedim*, *abexim*, *marroquim*, *carmesim*, *albardim*, *afonsim*; *maravedil*, *ceitil*, *algarvio*, *baldio*, etc.

Parece que o -m é vestígio da desinência do plural masculino em -in (25), reconhecido como tal por Miguel Nimer, em *marabitin* > *ma-*

(23) Não é, pois, coincidência fortuita o fato de sobreviver o acusativo no port., no esp. e outras línguas românicas. Há, parece, uma razão — ou a frequência dos verbos transitivos a exigirem o objeto, ou a forte impressão que causa, na oração, esse objeto, direto ou indireto.

(24) *Vestígios da Língua Árábica em Portugal*, Lisboa, 1830, p. 14.

(25) Cp. em marroquino: ḥaddād, “ferreiro”: ḥaddādīn, “ferreiros”, cujo -in pode ser tónico ou átono (R. Seidel, *Marokkanische Sprachlehre*, 1907, p. 73 e 110).

No árabe de Damasco: xāri, “comprador”: xaryīn, “compradores” (J. Cantineau, *Manuel Élémentaire d'Arabe Oriental*, Paris, 1953, p. 38).

**rabitino, morabitino, etc.** Dos nomes de pessoa teria passado a nomes de coisa. O -o dêste e outros exemplos deve ser atribuído ao -o, vestígio da desinência do nominativo, e, por outro lado, devem ter favorecido os vocábulos latinos em **-inus**, ou, melhor, em **-ino** do moçarábico, assim como vocábulos em **-inho** serviram de modelo para **afonsinho, mesquinho, etc.**

Gonçalves Viana é de opinião que **beduíno** se baseia no francês **bédouin**.

Parece que não foi documentada a forma **damasqui**, senão **damasquim, damasquino** e **damasquinho**.

As formas com -l foram favorecidas pelos nomes de origem latina em -il, tônico — **pueril, varonil, etc.**

Na Espanha verifica-se o mesmo, isto é, ao lado das formas em -í, há outras: **jabalín** (Andaluzia, etc.); **morabetín, morbidil, morabetino; celemín** e \***celemil**, donde o cubano **ceremil**; galego arc. **ceramín**; esp. arc. **bedoin; carmesín**; catalão **carmesina**; etc.

O -o anexado a **algarvio, baldio, etc.**, teve por modelo vocábulos como **poderio, doentio, etc.** No entretanto, A. de Faria Coimbra admite, sem razão, como primitivo **algarvino** e desnasalação posterior (26).

O adjetivo **çáfio** ou **açáfio** (com o artigo) deveria ter a tonicidade no -i-, porque a sua base é **çafi**, com -i longo e tônico, mas não é rara, em árabe, a deslocção da tónica. Em João de Barros, “Décadas”, encontra-se o antropônimo **Ale**, com -e, o que só se explica por 'A'li, ou, melhor, com -i breve, embora originariamente seja 'Alí, com -i longo e tônico, de acôrdo com a formação adjetival. No espanhol verifica-se fenómeno símile: ao lado de **alfaquí** houve os arcaicos **alfaqe** e **foque** (García de Diego). A diferença verifica-se também entre o português e o espanhol — neste há, p. ex., **cadí**, e naquele **cádi** ou **cade**.

Fato semelhante a **êsse**, de epítese, é o do -a longo e tônico, que recebeu, igualmente, um -l ou -r (ou -n em espanhol): **assaqqá** > **açacal** (em esp. **azacán**); **axxará** > **enxaral** (contudo há também **enxara**) (27).

As palavras em -al ou em -ar, do latim ou do romance, devem ter sido a base dêsse e outros exemplares. Todavia, o ár. **axxuar** > port. arc. **enxovar** > **enxoval** e símiles poderiam aí ter influído. Nem mesmo **alvará**, com o artigo prefixado, escapou ao influxo, pois houve **alvaral** (A. Magne). Contudo, ao lado de **alquicé**, “capa mourisca”, fêz-se **alquicel** e **alquicer**, como, ao lado de **alquilé**, houve **alquiler**.

Nascentes explica o -l ou o -r como prolação do l articular.

Teria -el por modelo vocábulos como **pinxel, cordel, cruel, etc.**

M. L. Wagner explica este fenómeno da justaposição por não terem existido na língua antiga desinências em vogal tónica, “de maneira que os

vocábulos árabes que findam em vogal acentuada foram amoldadas à desinência românica em *-al*, *-il*, e contribuiu para isto também a natureza do som glotal árabe que amiudadas vêzes segue a vogal final, de difícil articulação para indivíduos de outra fala; por isso a pronúncia é vacilante, cp. port. *alvaneu*, *alvaner* ao lado de *alvanel*; port. *alquicer*, *alquicel* ao lado de *alquicé*, “capa com que os Mouros se costumam cobrir” = ár. *kisâ* (Steiger, *Contr.*, 205); esp. *azacán* em face do port. *açacal*; port. *cauril*, *caurim*, do hindust. *kauri*, port. *borceguim* frente ao murc. *borceguil*, etc.” (27).

\* \* \*

## VI — EVOLUÇÃO FONÉTICA ARABE-PORTUGUESA.

Numerosos vocábulos semíticos sofreram o influxo da evolução fonética que se vinha realizando no latim da zona setentrional, no calaico-português, e mesmo na zona central. E, quando êsse influxo não se observa, trata-se do contingente do sul de Portugal (28), caracterizado por singular conservação.

**Síncope do -i- intervocálico** Cp. lat. *pala* > *paa*; *angelu* > *angeo*; etc. Ar. *makila* > *maquia*, “medida, etc.” (cp. esp. *maquila*); *fulanu* > *fuão*, *foão* (cp. *fulano* da zona meridional) (29); *addula* > *adua*, “terreno baldio, etc.; rebanho”; galego *adua* (cp. esp. *dula*); *addalil* > *adail*, “guia do exército” (cp. esp. arc. *adalil*) (30); *tálka* (com *i* breve) > *\*táega* > *\*taiga* > *teiga*; galego *teiga* e *tega* (cp. port. *taliga* (de *talika*), *talega*, esta com influência de *teiga*, se não fôr espanholismo, de *talega*); *Soeima*, topôn. do Norte (31), i. é, *Çoeima*, em comparação com o antropônimo *Çoleima*.

**Sonorização de -t-> -d-** Cp. lat. *vita* > *vida*; *totu* > *todo*; etc.

Ar. *arrábita* > *Arrábida*, topôn.; *attil-* (com *t* enfático) (32) > *adil*, “poisio”; *marabítí* ou *morabítí* > *maravedi*; *atabbuti* > *ataúde* (cp. navarro arc. *atabut*). O intermédio port. deveria ter sido *\*atavude*.

Em grupo consonântico *-tr-> -dr-*, como em *petra* > *pedra*; etc.: Ar.

(27) Aditamentos às Nótulas sobre Alguns Arabismos do Português “in” “Biblos”, v. XVII, t. II, Coimbra, 1941, e também na “Rev. de Filol. Esp.”, XXI, 1934, pp. 237 a 243.

(28) J. J. Nunes, *Gram. Hist.*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1930, p. 184-185.

(29) “A palavra *Fulano*, tanto em português como em espanhol, e *Foão*, que não passa de modificação fonética daquela, têm origem arábica” (J. L. de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, p. 338).

(30) Apresentam um ár. *dalid* que explicaria o esp. e o port. *adalide*.

(31) C. M. de Vasconcelos, *Lições*, p. 298.

(32) M. L. Wagner, como os demais arabistas, representa o *t* enfático mediante um ponto sob essa consoante.

\*almattra<sup>hi</sup> > almadrague, “coxim” (cp. esp. arc. e aragonés arc. alma-  
traque; port. arc. almatrá); alqatranu > port. arc. algadrom (A. Ma-  
gne), “alcatrão” (cp. esp. alquitrán). O port. alcatrão é meridional.

Africção de -b- > -v- (33) Cp. lat. faba > fava; arbore > árvore; etc.

Ar. albaiiádi > alvaiade (cp. esp. albayalde); addarbi > adarve, “rua  
sobre fortaleza, etc.”; al’árabi > alárave, alarve; addabba (com d enfáti-  
co) > aldava (A. Magne), “batedor de porta” (cp. esp. aldaba); arrub’  
> arrova (J. J. Nunes) (cp. arrôba); alqabala > alcavala (cp. esp. alca-  
bala); \*qabidi (34) > cavide; alqubba ou alqoba > alcova (cp. esp. alcoba,  
coba); albanná > alvanel, alvenel, alvener, “pedreiro”; alja’aba > aljava  
(cp. esp. aljaba); assabaxi > azeviche (cp. esp. azabache; esp. arc. aza-  
baje); axxarabi > axarave (cp. esp. jarabe; esp. arc. ajarabe — corradicais  
do port. axarope, xarope e xarau); alqásaba > alcáçova (cp. esp. alcazaba);  
etc.

São formas do Sul: alárabe, aldaba (de \*addaba ou addabba), alcabala,  
cabide, alcoba.

Corradical de aljava é aljibeira < \*aljaba + -aria > \*aljabaira (cp.  
esp. arc. aljavera e moçárabe esp. jabaria, jabaira). Galego alrabeira,  
mirandês jabeira.

Sonorização de -q ou -k- > -g- Cp. lat. lacu > lago; aquila > águia;  
etc.

Ar. albúndaqa > arc. albôndega, almôndega; alfústaqu > alfóstigo, “uma  
árvore” (cp. cat. festuc); addáraqa > adarga; alkarawanu > algarabão, al-  
garvão, “uma ave”; alboqi ou albuqi > albugue, “um instrumento de só-  
pro”; assilqa ou asselqa > acelga, celga; etc.

Formas meridionais: alfóstico ou fóstico, alcaravão, albugue, acémica ou  
acelca (segundo A. Magne estas últimas são arcaicas, e dialetismo algarvio  
acelca).

O ár. al<sup>h</sup>abaqa deu alfabaca e talvez depois alfavaca, “uma planta”.  
Cp. esp. arc. alfabaca.

Da forma al<sup>h</sup>abaqa saíram o arc. e pop. alfávega (averbado em A.  
Magne), que deve ser do Norte (em Vizela, registra Figueiredo, é alfábega).  
Quanto à forma com g, diz Gonçalves Viana (35), “parece ter sido  
em vários vocábulos a sua pronúncia no dialeto arábico das Espanhas”.  
Em esp. há alfábega, além de outras.

O port. arc. azoque, “mercado” (Figueiredo), talvez de \*açoque, o esp.  
zoco, o esp. arc. azoche (= -que), o basco azoca justificam uma forma  
arábica \*soq- ou \*suq- (cf. marroquino soq), mas o port. açougue e o esp.

(33) No sul de Portugal, afirma Gonçalves Viana, diferencia-se bem o b do  
v. (Apostilas, I, p. 449).

(34) Gonçalves Viana, Apostilas, I, p. 183.

(35) Idem, ibidem, I, p. 42.

azogue devem basear-se num árabe \*assogi (cf. líbico sug). Ou, para justificar o ditongo português, talvez se deva admitir um \*assauqi ou \*assaugi.

Visto que se trata de “vários vocábulos” em que se verifica -q->-g-, tais poderiam muito bem ser explicados por influxo do romance, como lat. lacu > port. e esp. lago.

**Síncope do -n- intervocálico** Cp. lat. moneta > mōeda > moeda; etc.

Ar. fāniqa > fāenga > fāāga > fanga, “saco, medida” (cp. esp. fanega) (36); almunada > \*almōeda > almoeda, “leilão” (cp. esp. almoneda); almanara > almeara, “fogueira” (G. Viana) (37) (cp. port. merid. almanara); almá'dana > \*almádāa > \*almádā > ] Almada, topôn. (38), “a mina”; alqonnetri, “a pontezinha” > \*Alcōetre > Alcoentre, topôn.; \*assena (em vez de assenila) > azea, “moinho” (G. de Diego) (cp. galego acea, e pág. 140).

A manutenção do -d- em almoeda, etc., e de outras consoantes intervocálicas, é devida à sua pronúnciação como geminada.

**-anu > -ão** Cap. lat. manu > mão; etc.

Ar. fulianu > arc. fulão, fuão, foão (forma do sul fulano); rabbaddanu (com dd enfáticos) > rabadão, “pastor; chefe”; allabanu > alavão, “rebanho” (cp. alabão); Hárune > \*Fárōe > Fárō = Fárom, Fáram (mais tarde Faro, topôn.).

Fenômeno símile em albarrana > albarrá, “tórres de fortaleza”.

Há exemplos que se explicam por adaptação da terminação: alcatrão, alcaravão, alabão, almocadão (= almocadám, almocadém).

**Ensurdecimento de -b-> -p-**

É desconhecido ao árabe o fonema p. No entretanto há vocábulos arábicos em que o b é substituído pelo fonema p. A explicação deve assentar-se na influência dos moçárabes; é uma das provas do bilingüismo destes, embora, no dizer de Corominas, haja casos em que o árabe vulgar da Espanha mudava em p um bb, geminado (38-a).

Ar. julabu, -i > julepo, julepe; albargata (originariamente plural) >

(36) Ou de fāniqa > \*fānega > fanga.

(37) Palestras Filológicas, Lisboa, 1910, p. 13.

(38) Se bem que, consoante Leite de Vasconcelos (Opúsculos, III, p. 145-146), êsse topônimo não aparece no Norte, mas na Estremadura e no Algarve, é provável que se lhe tenha aplicado a forma já sem o -n-, em vez de uma forma completa \*Almádana. Todavia, poder-se-ia verificar a pronúncia Almádan e daí Almada. O topônimo do Algarve é Almádena (v. J. J. Nunes, Gram. Hist., 2.<sup>a</sup> ed., p. 184).

(38-a) Dicc. Crít. Etim., s. v. alcaparra. J. M. Piel não admite ár. b-> ár. p- (Rev. Port. de Filol., v. I, t. I, 1947, p. 246).

alparcata, alpargata; albarga > alparca; \*albersi > alperce, alperche (cp. trasm. albrecha); xarubi > xarope (cp. esp. jarabe); azzibibi > acepipe (cp. esp. arc. acebibe); alkabbara >] alcaparra; etc.

Miguel Nimer registra **pedo**, arc., “ôvo” (Figueiredo) como árabe. De **baiddu** dever-se-ia ter \*beido. O ditongo não se manteve, como no ex. **almalssi** > almeice > almece, “sôro de leite”; etc.

Sonorização s ou ss > z Cp. lat. casa (= -ss-) > casa (= -z-); acetu > azêdo; etc.

Ar. **asseniia** > azenha; forma do Sul: **acenha** (cp. esp. **aceña ceña**; cat. **cenia**) (39).

Ar. **assibar-** (com s enfático) > azêver, “alóes”. Do ár. **assib[a]ri** > azêbre, azêvre, idem (sem o artigo **zevre**). Das regiões meridionais: **acebre** (G. Diego), **acêver** (J. J. Nunes). No esp. **acibar**, no cat. **acêver**.

Ar. **kisa** (M. Nimer) > quiza, “espécie de túnica”. No Sul deveria ter sido \*quiça.

Ar. **assabaji** > \*azeveje > azeviche. Ar. **azzaji** > azeche, “terra escura”. As formas correspondentes meridionais deveriam ser, respectivamente, mais ou menos como \*acebije (e não \*aceviche, conforme J. J. Nunes) e \*aceje.

Parece que -che em vez de -je pode explicar-se por dissimilação das sonoras z/j em \*azeviye, \*azeje para z/ch.

J. Corominas (40) parte de um hispano-árabe **zabáj** para explicar o esp. **azabache**, e, relativamente ao ensurdecimento de j em ch afirma que “es regular en fin de palabra y se producía ya en la pronunciación árabe vulgar de España”.

Como final, o -s (sin”) e o -ss (“ssad”) são representados por -z ou por -s: **alburnús** > albornoz, albornós; **almals** > almez, “uma planta”; **alfarás-** > alfaraz, -s; **alferes** > alférez, -s; **qartás-** ou **kartás-** > cartaz; **qiiás-** > quiaz, “uma medida”; com o artigo: **alquiez**, **alquies**, idem; **aljarás-** > aljarás, “guizo de cão”; etc.; **ra7hiss-** > rafez, refez, “barato; ordinário”; (cp. **refece**); **albaráss-** > alvaraz, “lepra” (alvarazo está por

(39) Gonçalves Viana diz que “o povo emprega comumente a primeira forma, i. é, **acenha**, e depreende de um escrito de J. J. Nunes que essa é a pronúncia local do Algarve. Mais adiante afirma que, no Ribatejo e Lisboa, é também **acenha**. É, todavia, falsa a explicação da forma **azenha**, que êle atribui à “errônea ortografia com s, **asenha**”, a qual concorreu “para a falsa pronúncia e escrita **azenha**, que literariamente se difundiu, considerando-se hoje, em geral, como definitiva a pronúncia e escrita com c, única popular e fiel ao étimo”. (Apostilas, I, p. 10-11).

(40) **Dicc. Crítico Etimol. de la L. Castellana**, s. v.

\*alvaraço); arrassáss-> arraçaz, orçaz, “tralha”; etc. Xafariz (melhor que chafariz) não provém de ssa<sup>26</sup>harij, mas de uma forma hipertética \*jahariss-ou, melhor, de \*zahariss-.

A peculiar pronúncia arábica dos seus ss, isto é, “sin” e “ssad” (assim também às vészes do “tha”) deu lugar à representação mediante ç ou c ante e, i.

Exemplares como **alicerce**, **alferce** (em vez de **alicece**, **alfece**), e talvez outros, devem o r certamente à analogia de **alerce**, **alcorce**, **aljorce**, etc. Serafim da Silva Neto explica **alicerce** como falsa regressão (41), isto é, **usso: urso:: alicece: x**, donde **x = alicerce**.

\* \* \*

Deve-se ao influxo setentrional a forma **alfobre** (daí **alforbe**), “viveiro, canteiro”, que se compara com a meridional **alfofre** < **al<sup>h</sup>ufre** ou **al<sup>h</sup>ofre**. Para explicar aquela, deve-se admitir \***alfovre**, como intermédio. Cp. lat. **africu** > **ávrego** > **ábrego**.

## VII — VOCÁBULOS ARABIZADOS.

Deixando de lado aquêles estrangeirismos que foram incorporados ao léxico árabe antes da invasão peninsular, há um bom número de exemplares não-arábicos, lusitânicos, que, ou pela bôca dos mouros, ou pela dos moçárabes, vieram a concorrer com as de outras, naturais.

Podemos dividir em três classes tais vocábulos — os que apenas receberam a justaposição do artigo; e os que, sem o artigo, apresentam modificação ou adaptação fonética; e os que receberam o artigo e sofreram modificação ou adaptação: **alfutrecos**, **alfutrecas** (= **futrica**), **alcácia** (variante açoriana de **acácia**) (Figueiredo), **alfunda** (= **funda**), **alchumoço** (= **chumaço**), **alcorcova** (= **corcova**), **almeixa** (= **ameixa**), **almoreima** (= **hemorróidas**), **alcabrós** ou **alcabós**, “um peixe” (Setúbal; ao Norte: **cabrão** - Fig.), **alpondras** (= **pol-dras**, “pedras”), **alpendre** (= esp. **alpendre**) (do lat. **appendix**, seg. Corominas), com -r- prolação do -l-; etc.

É difícil, se não impossível, identificar o que se deve aos conquistadores e o que aos moçárabes ou peninsulares. Visto que os moçárabes eram bilingües, é razoável admitir como influenciados por eles os vocábulos que continuam o p latino, fonema desconhecido ao árabe e que, nas arabizações, foi substituído pelo homorgânico b. Destarte seriam moçárabicos: **Alportel**, **Alpedrinha**, **Alpalhão**, **Alpedriz** (42), **Alpiarça** (J. J. Nunes), etc.

**Alporão**, “tôrre de mesquita; almenara”, seria o romanceo **porão** < **prão**, lat. **planu**. Sob a forma **alplan** há documentação antiga, segundo Gonçalves Viana (43). Trata-se de nome comum e também topônimo.

(41) **Fontes do Latim Vulgar**, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1946, p. 200.

(42) J. de Sousa dá-o como árabe: **Abidris**, “pai de Dris” (**Vestígios**, p. 64-65).

(43) **Apostilas**, II, p. 291. V.; p. ex., **Fontes Medievais da Hist. de Port.**, I, p. 95.

Requer investigar, em cada caso, a cronologia, isto é, saber se se trata de criação recente ou antiga, do tempo da dominação, como incontestável

**Afonsi** é uma adaptação fonético-morfológica, do mesmo modo que \*ceiti, base de ceiti. Naquele se percebe o gótico alatinado **Hadefonsus**, e neste o topônimo latino **Septa** (em vez de **Septem**), com -a do arabizado **Cebta** (acusativo?) (Em esp. **Ceuta**). Ceiti, como se vê, conserva o e da forma arabizada e o i da evolução lat. **pt** > port. **it**.

Seriam exemplares modificados ou adaptados pelos mouros:

**Sonorização p > b** **bandurra** (lat. **pandura**) (44); **esbulhar** (lat. **expoliare**); **desbulhar** (lat. **dispoliare** ou **deexpoliare**) (45); \***Baga** > **Bajah** (Herculano) > **Beja** (lat. **Paca**) (46). Cf. **Bortokal** e **Bortecal** (Herculano), “Portugal”.

**Alixbona**, **Alixbunah** (47) podem ser formas em que uma vogal primitiva, inicial (lat. **Uliisipona** ou **Olisipona**) foi substituída pelo artigo al (cp. o ár. **Abdu 'l Hamid**), ao passo que **Olixbona** (documento de 1165 (48) continua a segunda forma latina, e **Lixbuna** parece basear-se em \***Lis(i)pona**. **Ulixbona** (séc. 13) assenta na primeira forma latina.

Há, em aljamaia, **Baja** (Said Ali).

Concordância: **sanja**, “rêgo”, ao lado de **sanga**, idem (Steiger); **aljecira**, “ilha” = **alcacira**, idem.

**Palatalização -g- > -j-** **Tejo** (lat. **Tagu**) (49), **Beja** (lat. **Paca** > \***Baga**); **brejo** (lat. **bragu**).

**Palatalização -s- > -x-**

Embora independente do influxo mourisco houvesse tal evolução (aten-

(44) G. Viana, **Apostilas**, II, p. 104. Não é raro -r- dar -rr- (cp. **alcaparra** de **alkabbara**).

(45) Poderia uma forma **depoliare** (com -p- interv.) servir de base às demais, porém, segundo G. Viana, o povo diz **desbulhar**, continuando o étimo latino em que o -p- não se acha intervocálico. **Debulhar** que, no dizer de G. Viana, é preferido pelos cultos, parece derivar-se de **desbulhar**. L. de Vasconcelos registra a forma popular **abulhar** por **esbulhar** (**Opús.**, II, 256). Contudo, outros étimos em J. Corominas, **Dicc. Crit. Etim.**

(46) A forma \***Baga** em vez de \***Baca** (o árabe possui velares surdas) pode ser assente no setentrional \***Paga**, coexistente com **lago** (**lacu**), etc.

(47) Herculano, **Hist. de Port.**, 8.<sup>a</sup> ed., “passim”.

(48) J. J. Nunes, **Gram. Hist.**, p. 59, nota 2.

(49) Deve ter obedecido à seguinte evolução: \***Tag'o** > \***Tagyo** \***Tagjo** > \***Tajo**, ou de \***Teg'o**... Símile transformação sofreram **Beja** e **brejo**.

da-se ao fato da existência do *s* beirão (50), deve-se admitir que vários exemplares são devidos à pronúncia dos mouros. Reconhecem-no Menéndez Pidal e V. García de Diego (51) para fatos espanhóis e confirmados pela aljâmia.

Lat. *sulfure* > port. arc. *axufre* (com o artigo árabe) (em galego *axofre*). Talvez de \**anxofre* > *enxofre*. Lat. \**insapidu* > *enxabido* (notável é *-p-* > *-b-*, a deslocação da tónica e a conservação do *-d-*, muito provavelmente de uma pronúncia anterior com *dd* (cp. esp. *enjábido*). Lat. \**insalmare* > *enxalmar*. Lat. \**inserica* > *enxerga*. Lat. *inserire* *enxerir*. Lat. *insertare* > *enxertar*.

Há exemplos representados, em inicial, ora com *x*, ora com *ch*: lat. *simiu* > *xímio* (52); *saltare* > \**sautar* ou \**chautar* > *choutar*; etc.

Concordância com a aljâmia: *Chintra* (Cintra), *Chantarin* ou *Chantireyn* (Santarém), *Chelb* (Silves), *Chakrach* (Sagres), etc. (53); *xenor* (senhor); *noxo* (nosso), *loforex* (louvores), *exqerfi* (escrevi), etc. (54).

Imala -a- tônico > -e- tônico Tagu > Tejo; \*Baga > Beja; \*bragu > brejo; portulaca > \*bortruaca > beldroega, por dissimilação consonântica, e daí verdoega (55); \*apantasma > abantesma, açoriano alpantesma (56); corian-

(50) S. da Silva Neto, *Hist. da L. Port.*, 4, p. 152. A respeito desse fonema diz G. Viana: "som originário e dialetal do norte, diferente do ç: é um *s* reverso, isto é, proferido com a parte anterior, um tanto côncava, da ponta da língua no convexo das gengivas dos incisivos superiores, como o *s* vasconço e castelhano: lembra no efeito acústico *sx* reunidos" (*Exposição da Pronúncia Normal Port.*, Lisboa, 1892, p. 47).

(51) Pidal, *Manual de Gram. Hist. Esp.*, 7.<sup>a</sup> ed., p. 120 e 197; G. de Diego, *Manual de Dialectología Esp.*, Madrid, 1946, p. 290.

(52) Talvez sob influxo árabe, diz Huber (*Altportugiesisches Elementarbuch*, 1933, § 201, nota).

(53) Apud A. Herculano, *Hist. de Port.*, 8.<sup>a</sup> ed., "passim".

(54) Davi Lopes, *Textos em Aljâmia Portuguesa*, Lisboa, 1940, p. 19 e 22. M. Pidal, *Orígenes*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 430, p. ex.

(55) S. da Silva Neto, *Fontes do Lat. Vulgar*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1946, p. 156: "Na opinião de Brück (*Volkstum*, VII, pg. 249), que acho plausível, houve influência mourisca... Isto é: lat. *portulaca* > ár. *burdlāga* > *verdoega*, *beldroega*". Estas duas formas não podem ter essa evolução, mas, sim, como se acha acima.

(56) Idem, *ibidem*, p. 156, acha preferível uma variante dialetal grega com *e*: \**pantesma*. Cp. \**tálantom* > *talentum*, etc.

dru > \*corandro > coendro > coentro; lorandru > \*alorendro > eloendro > loendro (57).

Concordância: ár. badân- > bedém; etc.

Matátese -st- > -ts- = -ç- Amado Alonso (58) dedicou atenção a este fenômeno que ele qualificou de estranho, pois “nem o árabe, nem o espanhol [acrescente-se português] reduzem o grupo consonântico *st* dentro de seu próprio material, mas cada qual o faz, se a palavra procede do outro idioma”. Isto quer dizer que, com vocábulos de origem latina, realiza-se o fenômeno pela boca dos mouros e vice-versa: castra > \*alkástar (com o artigo) > \*alkástar = alcáçar; Castela > \*Katsella = Cacula, topôn. do Algarve (em árabe também *Kastalla*, donde também *Cazala*); mástica > \*almétseka > almécega, “uma resina”; pastinaca > bastinaka > \*betsinaga \*beznaga > biznaga (hoje *bisnaga*). Contudo, em alfóstigo, fóstigo, contrariamente ao espanhol — alfócigo, alhócigo — não se verificou a metátese (lat. *pistacium*, pistacho).

O fenômeno do árabe pela boca dos peninsulares parece que só se comprova com um exemplo — must'árabi > \*motsárabe = moçárabe.

\* \* \*

Talvez, pois, se deva aos mouros o resultado moço, moça, a que chegou o latim *musteu* ou, melhor, o latim \**mustu* ou \**mustiu*, base masculina, grau normal de *mustella*, primitivamente “mulherzinha” > “doninha” (59).

\* \* \*

O port. *almôço* é arabizado do lat. *admorsu*, conquanto singular pela fonética, como o é o esp. *almuerzo*. Não resta dúvida que se trata de uma transformação espontânea de -s- em -ç- (port. arc. *almoço*, judeu-esp. *almoço*) e posterior assimilação — *almôço*. O fato se repetiu, aproximadamente, em *alviçaras*, em vez de *alvissaras* (pois aqui os *ss* representam o “xin” arábico). Se a [d] *morsu* vingasse ao Norte, teríamos \**amosso*, como de *morsu* > arc. *mosso*, *ursu* > arc. *osso*, *usso*, etc. Cp. ainda o galego *amorso*.

## VIII — ELEMENTOS LATINOS DO ROMANÇO MOÇARÁBICO.

A população godo-romana, cristã, principalmente ao sul do Tejo, sem postergar o latim lusitânico, teve de aprender o árabe, forçada pelas cir-

(57) Idem, ibidem, p. 156, explica-os por variantes dialetais gregas: \**coriendru*, \**lorendru*. O alentejano *a-landro* corresponde ao anterior *lorandrum*. C. M. de Vasconcelos, *Lições*, p. 267, cita como indícios do latim sulista *lorandro* e *oleandro* (topôn. *Alandroal*).

(58) *Estudios Lingüísticos*, Madri, 1951, p. 128.

(59) Mansur Guérios, *Tabus Lingüísticos*, Rio, 1956, p. 154.

cunståncias. Constituiu-se destarte um bilinguismo, favorecido pelo contacto prolongado de sete sèculos de domínio.

A sobrevivência do latim deve ser principalmente atribuída ao emprêgo que os moçárabes faziam dèle como um dos recursos para a defesa espiritual do patrimônio cristão. O árabe era a língua das relações externas e estudada como instrumento de uma nova literatura, mas o latim era um como idioma secreto, para as relações internas, entre os próprios cristãos.

Não é de admirar êsse caráter oculto do romance, porque, fenômeno natural, observa-se freqüentemente nos contactos entre populações aloglóticas que se encaminham para o estado bilingüe, com a preferência ou predomínio de uma fala. Isto não quer dizer que não houvesse mouros conhecedores do românico. Sim, houve-os, e foi por êles, diz Davi Lopes, “que se exerceu a ação inversa dos moçárabes, isto é da civilização cristã sôbre os outros muçulmanos”.

O romance calaico-português ou, melhor, os dialetos ou falares setentrionais serviram de base para a formação da língua nacional, oficial, da língua comum (60), e que, graças à reconquista, fundiu-se ou, grosso modo, sobrepôs-se àquele, ao moçarábico ou aos falares meridionais, não sem reagir. Com isto, não se quer negar a hipótese do prof. M. de Paiva Boléo, respeitante à constituição primitiva do idioma luso — a confluência de elementos de várias províncias (61) — em outras palavras, de elementos de vários dialetos ou falares.

Mas o fato da subsistência do latim na faixa meridional, rodeado pelo árabe, durante a longa dominação muçulmânica, não se assenta, infeliz-

---

(60) “A necessidade de intercomunicação impõe a escolha de um instrumento lingüístico que possa atender a todos os pontos do país: é o que, em suma, chamamos a **língua comum**. Ela constitui um forte laço, um dos mais expressivos símbolos de unidade nacional: é nela que se escrevem as leis e os decretos, é ela que se ensina na vasta rède de escolas, é com ela que os poetas e prosadores erguem as suas obras de arte”. (Serafim da Silva Neto, **Hist. da Língua Port.**, VIII, Rio, 1954, p. 382).

(61) **Dialetologia e História da Língua — Isoglossas Portuguesas**, Lisboa, 1950, p. 39. E acrescenta êste autor: “Só através de estudos futuros se verificará também se foi mera hipótese ou intuição perspicaz a de Leite de Vasconcelos, ao sugerir, há mais de cinquenta anos, que a língua se deve ter formado, não no norte, como se tem suposto e afirmado, mas no centro e no sul. (Por “sul” deve entender-se aqui, não as províncias da Estremadura, Alentejo e Algarve, como estaria no pensamento do sábio Mestre, mas somente da Estremadura”...) (p. 39-40).

mente, em documento escrito, senão em diversos vestígios, valiosos testemunhos, sobre os quais foi chamada a atenção de vários estudiosos (62).

Os documentos escritos antigos são da zona setentrional, em latim bárbaro ou em calaico-português, e os do Sul, no afirmar de C. M. de Vasconcelos, são posteriores a 1250, à reconquista, e redigidos, diz Pedro Machado, “por escribas nortenhos, de usos lingüísticos diferentes dos das gentes dos territórios de além-Tejo”. Certamente que muitas peculiaridades seriam depreendidas dos falares meridionais, se eles tivessem já sido bem estudados, mas não — “os estudos dos atuais dialetos do Sul, continua Pedro Machado, escasseiam e os que existem nem sempre podem merecer a confiança de quem quer trabalhar com segurança”.

Todavia, do pouco que se conhece — topônimos e nomes comuns — deduz-se que o romance moçárabe era diferente do galego-português. Enquanto este se distanciava do latim com uma série de inovações, aquêle se mantinha próximo, com uma série de conservações.

Esse conservadorismo se explica não só pela profunda romanização

- 
- (62) Adolfo Coelho — Artigo in “A Borboleta”, Braga, 1877, pp. 113-114. — Idem in **A Língua Portuguesa**, Pôrto, 1887, pp. 81-82; 3.<sup>a</sup> ed., Pôrto, s.d. p. 111 a 113. Idem — **Origens do Português do Sul** “in” “Os Serões”, v. VIII, 2.<sup>a</sup> s., 1909, pp. 317-324. — J. Leite de Vasconcelos — **Romance Moçárabico** “in” “Rev. Lus.”, XI, 1908, p. 354, e reproduzido in “Opúsculos”, IV, Coimbra, 1929, pp. 199-800. — Davi Lopes — **Os Arabes nas Obras de Alexandre Herculano — Notas Marginaes de Língua e Hist. Port.**, sep. do “Boletim da Segunda Classe” (Acad. das Ciências de Lisboa), vis. III-IV Lisboa, 1911, especialmente pp. 214-215. — José Pedro Machado — **O Português e o Romance do Sul do Tejo** “in” “Rev. de Port.”, série A, v. IX, n.º 44, 1946, pp. 191-195. Idem, **Adolfo Coelho e o Romance Moçárabico** “in” “Bol. de Filol.”, v. X, Lisboa, 1949, pp. 15-21. R. F. Mansur Guérios — **O Romance Moçárabico — Vestígios Fonéticos do Latim Meridional** “in” “Língua e Linguagem”, n.º 1, Rio, 1947, pp. 90-98. — Harri Meier — **A Evolução do Português dentro do Quadro das Línguas Ibero-românicas** “in” “Biblos”, v. XVIII, t. 2.º, Coimbra, 1942, pp. 497-515. — Idem, **Ensaio de Filologia Românica**, Lisboa, 1948, pp. 28-30. — Serafim da Silva Neto — **História da Língua Portuguesa**, n.º 8, Rio, 1954, especialmente pp. 337-345 e 379-380.

Principalmente sobre o moçárabico hispânico: Arnauld Steiger — **Zur Sprache der Mozaraber**, sep. de “Festschrift J. Jud”, 1942, pp. 624-714. — Idem, **Contribución a la Fonética del Hispanoárabe y de los Arabismos en el Iberorrománico y el Siciliano**, Madri, 1932. — Vicente García de Diego — **Manual de Dialectología Española**, Madri, 1946, pp. 287-300. — R. Menéndez Pidal — **Orígenes del Español**, 3.<sup>a</sup> ed., Madri, 1950, especialmente pp. 431-440.

efetuada nessa zona, mas principalmente porque os seus habitantes prestigiavam as atividades intelectuais e escolares, dotados que eram de cultura e civilização superior, em contraste singular com o Norte, rude e in-fenso às armas do espírito.

Especificando a manutenção dos fonemas surdos intervocálicos, Serafim da Silva Neto frisa que “ao lado do caráter conservador do moçárabe”, “bom pedaço da parte meridional da Península era muito provavelmente ocupado por um substrato não-indo-europeu”. Isto quer dizer que essa preservação foi igualmente favorecida pela pronúncia dos primeiros iberos ou proto-bascos, em cuja língua, o vasconço, nos empréstimos do latim, não se verifica a sonorização (63).

Vamos agora expor as características fonéticas até agora conhecidas do moçárabe/lusitano:

**Conservação do -l- interv.** Lat. \*Mirtula (com i, u breves) > moç. Mértola, topôn. (64). Em documentos arábicos: Mirtolah (Herculano).

Concordância com o árabe: azzámila > azêmela, “bêsta de carga”; fulanu > fulano; etc.

Contraste com o romance calaico-português: lat. pala > paa; etc.

Num exemplo, o -l-, seguido de consoante, semivocalizou em -i-: lat. calvaria > moç. \*caivaira > pop. do Sul caiveira (J. J. Nunes). Cf. almêci, no sul de Port. (Mourão) < almêce, “sôro de leite” (Apud Wagner).

Contraste com o Norte: calvaria > \*cavalaria > \*caavaira > cãveira.

**Conservação do -n- interv.** Lat. Fontanas > moç. Fontanas, topôn. (65); lat. genesta > moç. lanesta (L. de V.) (66); lat. \*mustianu (em vez de mustione) > michano (S. Silva Neto), “mosquito do vinho”; Madroneira, topôn., em Beja (M. Pidal); Mollno, topôn., em Évora (M. Pidal).

Concordância com o ár.: fulanu > fulano; azzaltuna > azeltona; etc.

Contraste com o galego-port.: lat. fontana > arc. fontãa; \*mustianu > mocháõ, muchão (67); Madroeira, topôn., em Santarém (M. Pidal); Moínho, topôn. ao Norte (M. Pidal).

(63) Hist. da L. Port., 4, p. 149-150. V. também M. Pidal, Orígenes, 3.<sup>a</sup> ed., p. 257.

(64) L. de Vasconcelos, Lições de Filol. Port., 2.<sup>a</sup> ed., p. 293 e 328.

(65) L. de Vasconcelos, Opúsculos, III, p. 369; IV, p. 800.

(66) O g- foi pronunciado como semiconsoante, e dissimilação e—e > a—e.

(67) Mocháõ / muchão “ocupa uma área que engloba Murça (pequeno concelho a nordeste de Vila Real, Trás-os-Montes), Penaguião (Trás-os-Montes) e Penedono (distrito de Viseu (Beira Alta) — no Alentejo nos aparece com a forma michano”. (S. da Silva Neto, Hist. da L. Port., 8, p. 380, e Rev. Bras. de Filol., v. I, t. I, 1955, p. 23 e seg.

**Conservação do -f- interv.** Lat. *defe[n]sa* moç. > *defesa*; *Defesa*, topôn. do Sul (68).

Concordância: ár. *sanifa* > *çanefa*; *ddiafa* > *diafa*; etc.

Contraste com o galego-port.: lat. *defe[n]sa* > *devesa*; *Devesa*, topôn. do Norte; *Debesa*, topôn. da Galiza (69).

**Conservação do -t- interv.** Lat. *Alvitu* > moç. *Alvito*, topôn. (distr. de Beja); *boiata* ou *boyata* “boiada” (Davi Lopes).

Concordância: ár. *al7haiatti* > *alfaiate*; *azzaituna* > *azeitona*; etc.

Contraste: lat. *vita* > *vida*; *fatu* > *fado*; etc.

**Conservação do ditongo ai** *Saj̄at̄air*, “sapateiro” (C. M. de Vasconcelos).

Concordância: Entre os mouros (D. Lopes): *çabatair*, “sapateiro”; *ixqutair*, “escudeiro” (prov. de \*iscutairo); *furnair*, “fornheiro” (prov. de \*furnairo).

Ao Norte, êsse ditongo se transformou em ei com certa rapidez (70).

**Conservação de proparoxítonos** [Saiienta José Pedro Machado (71), em contraste com o Norte, a especial predileção aos proparoxítonos que se observa nos topônimos, os quais, no seu entender, são os únicos elementos disponíveis para o estudo lingüístico das coisas do Sul. Assim, entre outros exemplares: *Mértola* (lat. \**Mirtula*), *Evora* (lat. *Ebora*), etc.

Segundo C. M. de Vasconcelos, *púcaro* é um remanescente do romance mourisco. Todavia, deve-se partir imediatamente do proparoxítono latino *póculu* ou \**púcolu* (72) e não de \**puclu* > \**puero*.

Concordância: ár. *Alcáçovas*, *Gáfete*, *Alcáçere*, *Mafômedes*, *alárabe*, *alfétena*, *alfândega*, etc.

Contraste com o galego-port.: *periculu* > *perigoo*; *lâmpada* > *lampaa*; etc.

**Conservação do -c- (velar) interv.** Lat. *basilica* > *basélica* (L. de V.), mais tarde *baséliga* (L. de V.) e \**beséliga* > *Beselga*, topôn. (73).

(68) L. de Vasconcelos, *Op.*, IV, p. 799-800; M. Pidal, *Orígenes*, § 46-5.

(69) L. de V., *Op.*, IV, p. 779-800.

(70) M. Pidal, *Orígenes del Español*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 87 e p. 433. J. Hüber, *Altportugiesisches Elementarbuch*, 1933, § 81.

(71) *O Português e o Romance do Sul do Tejo* “in” “*Rev. de Port.*”, v. IX, n.º 44, 1946, p. 192-193.

(72) O -l- em sílaba postônica pode facilmente passar a -r-.

(73) “Se palavras como *Beselga*, *Paderne*, *Vidigueira* são originárias do Sul, e não emigraram de outros pontos para lá, estão pois no mesmo caso”, i. é, são do romance transtagano pré-português (L. de Vasconcelos, *Opúsculos*, IV, p. 800).

Concordância: ár. *mattraqa* > *matraca*; etc.

A forma do N. deveria ter sido \*baseega, como *mala* > *maa* e *lacu* > *lago*, etc.

**Conservação do -d- interv** O topôn. arc. *Odiana* (= esp. *Guadiana*) é hibridismo árabe-românço — o 1.º elemento é o semítico *wad*, “vale, rio”, e o 2.º é latino *Ana*. Evolução: *Wadiana* > *Oadiana* > *Oodian*: > *Odiana*. Exs. semelhantes: *Odeleite*, *Odivelas*, etc.

Contraste com o Norte: *pede* > *pee*, etc.

**Palatização de -cl-> -ly-** Lat. *cuniculu* > *conelyo* (L. de Vasc., D. Lopes); *veclu* > *velyo* (D. Lopes); *sarralia* > *xarralya*, “uma planta” (D. Lopes). A propósito desse grupo consonântico, v. Menéndez Pidal, “*Orígenes*”, § 50-4.

Contraste com o românço nortenho: *coelho*, *velho*, *sarralha* ou *serralha*.

Concordância com o moçarábico espanhol — *peduclu* > *podolyo*, “*plô-lho*”, etc. (G. de Diego).

**Evolução cl-, fl-, pl-> cr-, fr-, pr-** Admite Serafim da Silva Neto que, ao sul da Lusitânia, esses grupos iniciais latinos conseguiram conservar a pronúncia culta (74). Na realidade, a modificação foi mínima; passaram respectivamente a *cr-*, *fr-*, *pr-*: *clavu* > *cravo*; *flocu* > *froco*; *platia* > *praça*; etc.

Como medial, Silva Neto é de opinião que *soprar* < lat. \**supplare* pertence à zona moçarábica (75). Em vista do quê, deve-se apor aí também o arc. *emprir*, antes talvez \**emprer* < *implere*.

Contraste com o Norte: *clave* > *chave*, *flamma* > *chama*, *pluvia* > *chuva*, *implere* > *encher*, etc.

\* \* \*

É possível que várias palavras, as quais se atribuem à camada erudita, sejam de proveniência moçarábica. Seja um dos exs. *lâmpada*, *alâmpada* (com justaposição do artigo port. a?) — Da faixa setentrional: *lampaa* > *lampa*. A difusão do latim *lampada*, graças principalmente ao uso eclesiástico, deixou descendentes em todos os romances do Ocidente, no dizer de J. Corominas (76).

Na linguagem popular do Algarve, há *moledo*, “montículo de pedras,

(74) *Hist. da L. Port.*, 4, p. 145-146; 8, p. 379; J. Mattoso Câmara Jr. perfilha também esta doutrina, v. *Princípios de Linguística Geral*, 2.ª ed., Rio, 1954, p. 266.

(75) *Fontes do Latim Vulgar*, Rio, 1938, p. 163; 2.ª ed., p. 177 e 178.

(76) *Dicc. Crit. Etím.*, s. v. *lâmpara*.

etc.” (77) que deve provir do latim meridional \*moletu (derivado de moles, “massa, volume, etc.”). O sufixo -edo (arvoredo, etc). deve ter influenciado posteriormente em \*moletu, dando aquela forma.

Sala, com o sentido de “habitação, casa” (78), cedeu o lugar ao sentido de “compartimento de casa”, de próxima origem francesa ou provençal (salle). Cp. esp. ant. sala, “casa”. Na zona galaico-portuguêsa: \*saa > Saa > Sá, topônimo e daí antropônimo. Cp. galego arcaico saa, “casa”.

Talvez seja sulino cetra, “escudo”, como continuação do lat. cetra. E com certeza é este o étimo do provincianismo do Paraná cetra, nome do estilingue ou atiradeira (79).

Mais felizardo que o moçárabe da Lusitânia é o da Espanha, pois este possui versos redigidos nessa modalidade lingüística, apensa a poesias árabes (80).

Serafim da Silva Neto divulga que foi descoberta, não faz muito, uma poesia lírica moçárabica, datada de 1040, e constante de quarenta-e-uma estrofes finais de poemas escritos em árabe ou em hebraico (81). Disto decorrem, além de outros, dois problemas a discutir — preeminência da lírica moçárabica e sua difusão pela Península Ibérica. A disseminação explica o ingresso, na lírica galego-portuguêsa, de vocábulos moçárabes, caracterizados pela conservação, p. ex., de consoantes intervocálicas, fato que, até então, causara perturbadora estranheza: manhana, irmana, avelanado, sano, venia, louçana, pino (= pinho), penado, amena, arena, color, salido, solo (= só), prazer, preto, etc. Assim também o artigo lo, la e, com preposição, del, al, de la, a lo, etc.; formas verbais como vaya, vayamos (em vez de vaa, vaamos), etc.

Todavia, deparam-se-nos exemplos semelhantes na prosa, p. ex., na “notícia de torto” (séc. XIII): irmana, preto, plazo, vino, pane, etc.

Uma canção dada como exemplo pelo prof. Silva Neto é a seguinte:

---

(77) L. de Vasconcelos, *Opús.*, III, p. 322.

(78) Registra Figueiredo sala, como antigo, com o sentido de “muralha, que entesta o baluarte”. Parece que este significado é decorrente do genérico “habitação”, mais ou menos como cidadela em relação com cidade.

(79) De arma defensiva teria o sentido passado a arma ofensiva. José de Sá Nunes era de opinião que cetra provém de seta (lat. sagitta).

(80) M. Pidal, *Orígenes*, p. 429.

(81) *Hist. da L. Port.*, 8, Rio, 1954, p. 339, segundo o resumo e comentários pelo “Bulletin des Etudes Portugaises et de l’Institut Français”, XIV, 1950, 363-5, ao trabalho de Dâmaso Alonso — “Cancioncillas “de amigo” moçárabes (Primavera temprana de la lírica europea)” in “Rev. de Filol. Esp.”, XXXIII.

“Vai-se meu corachon de mib  
ai, Rab, si se me tornarád?  
Tan mal meu doler li-l-habib!  
Enfermo yed, quando sanarád?”  
“Que fare(i) mama?  
mio al-habib est’ad yana (82).

“A língua dessas fiindas, diz Silva Neto, caracteriza-se por notáveis arcaísmos — o que é natural, por ser de moçarabes — e por vários arabismos, o que igualmente se explica, tratando-se de uma lírica de bilíngües”. Essa miscelânea faz lembrar as trovas brasileiras mistas de português e tupi ou as de português e afro-negro.

Embora êsses versos sejam da moçarabia espanhola, há fatos lingüísticos que concordam com os da moçarabia lusitana. Vejamos algumas observações: **Corachon** pode ser comparado, p. ex., com o espanhol **chicharo** (de \*ciceru), pronúncia remontante ao latim vulgar (83). **Mib** deve ser dissimilação de **mim** ou por força da rima. **Rab** é vocábulo árabe e quer dizer “Senhor”; não se trata de hebraísmo, como parece. É usado ainda, p. ex., no árabe da Líbia. **Tornarad** e **sanarad**, com -d, é vestígio do -t verbal latino. **Li-l-habib** consta de três elementos arábicos — preposição (li), artigo (al), cuja vogal é elidida por preceder outra, e **habib**, “amado, querido”. **Al-habib** mostra como o artigo foi justaposto ao nome, embora preceda o possessivo, o que possibilita interpretar-se como um todo, e assim se explicam **almofada**, **arrabalde**, etc. **Habib** dá a entender, ainda, que é representação gráfica mais aproximada da pronúncia, pois o fonema inicial não evoluiu como nos vocábulos populares; trata-se, pois, de um elemento culto. **Yed** deve ser o verbo “é” com -d analógico, i. é, ye + d (cf. **tornarad**, **sanarad**). **Ad** é a preposição latina ad. **Yana** é o latim **janua** ou, melhor, \***janna**, de que se formou o diminutivo \***jannella** que vingou ao norte de Portugal — **janela**.

Versos do israelita Judá Ha-Levi (1075-1161?) a Cidello, médico judeu e ministro de Afonso VI, por ocasião da visita dêste a Guadalajara (aí por 1100):

---

(82) Tradução: “Vai-se o meu coração de mim / ó Deus, acaso se tornará? / Tão mal é meu doer pelo amado! / Enfermo está, quando há do sarar?” — “Que farei, minha mãe? / meu amado está à porta”. A respeito do futuro fare(i), convém ler as pp. 243 e 244 da *Rev. Bras. de Filol.*, 1955, t. 2, recensão do prof. Wilton Cardoso a uma obra de A. Roncaglia.

(83) M. Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, 7.<sup>a</sup> ed., p. 120.

“Dex cuand meu Cidiello viened,  
tan buona albixara!  
como rayo de xol exed  
en Wadalhijara” (84).

Tradução:

“Desde (lat. de ex) quando meu Cidinho (dim. de Cid) vem, / tão boa  
alviçara! / como raio de sol sai (lat. exit) / em Guadalajara”.

\* \* \*

## IX — INFLUÊNCIAS DOS FALARES MERIDIONAIS SÔBRE OS SETENTRIONAIS.

Quando do contacto dos dialetos galaico-portuguêses com os falares do sul do Douro, contacto ensejado pela reconquista, êstes simplificaram os fonemas desenvolvidos no Norte e que o Sul desconhecia. Harri Meier apresenta essa influência (85): 1.º **Ch** (= **tx**) > **ch** (= **x**): **chave** (= **txave**) > **chave** (= **xave**); etc.; 2.º **ç** ou **ce**, **ci** (= **ts**) > **ç** ou **ce**, **ci** (= **ss**): **cem** (= **tsem**) > **cem** (= **sem**); etc. 3.º **z** (= **dz**) > **z** (= **z**): **franqueza** (= **franquedza**) > **franqueza**; 4.º **-ô**, **-ã** > **-ão**: **leô** > **leão**; **cã** > **cão**; 5.º redução das vogais átonas: **a** > **â**: **â mes(â)**; **e** > **ê**: **qu(e)**; **o u**: < **u português**; **-s**, final de sílaba > **-x**, **-j**: **desfaz** > “**dixfâx**”; **desvêlo** > “**dijvelu**”; 6.º as formas ditológicas, p. ex., **menço**, **senço**, **servio**, **meço**, **peço**, **feiro**, etc., de um lado, e **minto**, **sinto**, **sirvo**, **mido**, **pido**, **firo**, etc., do outro, na língua arcaica, explicam-se pelo contacto das duas camadas históricas, respectivamente, as primeiras são moçarábicas e as segundas galaico-portuguêsas.

Em vista dessas inovações que se incorporaram à língua oficial, literária, a colaboração dos moçarabes é encarada como fortemente acentuada, de tal maneira que o seu romance é tido como fator ativo sôbre o falar (ou falares) vindo do Norte com a Reconquista — “Os moçarabes, diz H. Meier, não receberam sem resistência o idioma setentrional; modificaram-no, adaptaram-no aos seus hábitos articulatórios”.

\* \* \*

As pesquisas do moçarábico, é claro, não param aí; o seu futuro vai assentar-se precipuamente no Atlas Lingüístico-etnográfico de Portugal, que está sendo elaborado com os inqueritos dirigidos pelo prof. Paiva Boléo e outros filólogos. Daí decorrerá um mundo de novidades e de surpresas para a história da língua portuguesa e dos falares lusitânicos.

(84) M. Pidal, *Orígenes*, 3.ª ed., p. 430.

(85) *Evolução do Português dentro do Quadro das Línguas Românicas* “in” “*Biblos*”, v. XVIII, t. 2.º, Coimbra, 1942, p. 512 e 513 (sep. 1943); *Ensaio de Filologia Românica*, Lisboa, 1948, p. 30.

## OBSERVAÇÕES FINAIS: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

Lastimamos não poder representar gráficamente os vocábulos árabes conforme a transcrição científica já consagrada. A que adotamos, recurso de emergência, consegue, todavia, cumprir a finalidade satisfatoriamente, assim o cremos, e contando com a boa vontade dos críticos.

Por necessária coerência, uniformizamos as representações gráficas dos vocábulos de origem árabe — **alfajeme**, **alfanje**, **çanefa**, **çáfar**, etc. Com respeito a **g—g**, o sistema ortográfico de 1943, ainda em vigor, apresenta-se incoerente: **alfanje**, porém **alfageme**, etc.

Para não representar com quatro letras iguais os fonemas iniciais enfáticos de vocábulos precedidos do artigo, recorreu-se à advertência — p. ex., “**addabba** (com **d** enfático)” — isto quer dizer que **al** se verifica o 15.º fonema do alfabeto (**dd**) — **ddabba** — com aglutinação do artigo **al** (= **add**).

## BIBLIOGRAFIA

Acham-se no decorrer do ensaio os trabalhos consultados. Na citação de **A. Magne**, trata-se do **Dic. da L. Port.**, Rio, v. I, 1950, e v. II, 1954; e de **Figueiredo** refere-se à 4.ª ed. do **Novo Dic. da L. Port.**

Infelizmente, não pudemos consultar certas obras de renome (**Dozy-Engelmann**, **Egulaz y Yanguas**, **Simonet**, etc.). Talvez seja ousadia tratar de assunto cuja bibliografia especializada, completa, não esteja à mão...

Curitiba, 31 de dezembro de 1956.